

POLEGAR

MICROCONTOS

N. 01



EDITORA
Trevo

DEZ CONTISTAS

seleção ocorrida os inscritos pelo site da

EDITORIA TREVO DE

junho e junho de 2023

* * *

EVANDRO GOMES

MARCOS MORELLI

CAROL KOEHLER

TARSILA DE CARVALHO FONSECA

ANA DUARTE

LUCIANA CAVALCANTI

GUILHERME GIVISIEZ

SOL SANTOS ANTUNES LU

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA

MONIZE LUIZ SANTOS

[inscreva-se para a nova edição aqui](#)

ANTOLOGIA CONTO BRASIL

participe da próxima edição

1º COLOCADO

PAI ME CONTA UMA HISTÓRIA!

Certa vez, passeava por um jardim, uma lagartinha preocupada. Todos a conheciam por sua bela voz. Mas por que ela estava tão aflita? Bem, como estava pensando em uma linda canção, procurava seu caderno para registrá-la.

Peolice, a pequena Lílica, tinha problemas de memória e por isso, não desgrudava de seu cérebro de mão. - Papai, o que é um cérebro de mão? - Boa pergunta! Esse foi o nome que Lílica deu ao seu caderninho, presente que ganhou do seu padrinho Paolo, que incentivou sua afilhada a escrever tudo o que achasse mais importante naquele caderno. - Espero que ela encontre logo seu cérebro de mão!

Assim passou o dia todo procurando, procurando e repetindo os nomes e Lílica estava perdendo as forças na árvore o seu caderninho. Uma lagartinha. Um rouxinol tinha.

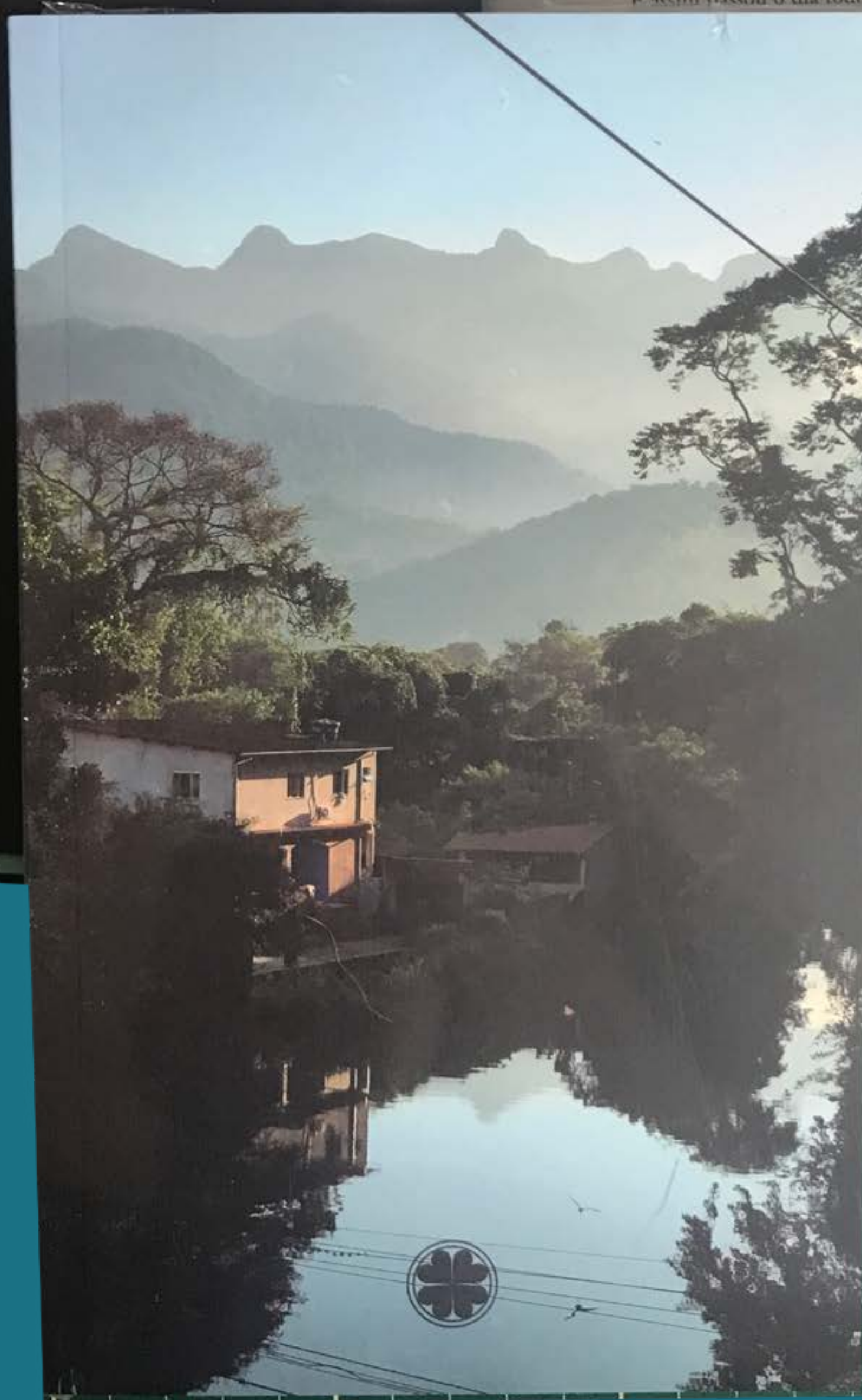
Peolice sabia, mas lagartas não podem voar e fazer: prometa que nunca vai deixar seu caderno. E para ver que ela estava fazendo suas músicas. Tomada por uma tristeza a chorar. Enquanto isso, o

Bom, a lagarta começou a cantar e falou: - Cuidado para não cair e tentar! Lílica subiu até o alto da árvore. Foi um longo abraço de três minutos, olhou para baixo

na casinha, apenas para ela e seu filho, adormeceu por longos minutos e derrubou do alto da árvore. Lílica esperou o pior. Enquanto isso, Lílica percebeu que tinha voado!

Régis Melo

13



antologia

• conto brasil

vol 5 • 2020

Os contos apresentam densidade e ritmo narrativos, organizados em um corte preciso e conciso da palavra, na representação do universo feminino em “Ela”, de Daniela Picchiali, e no cruzamento de múltiplas imagens e perspectivas concentradas na visão do narrador em “O santo e o ímpio” de Guilherme Balarin.

CONTOS NESTA EDIÇÃO

- 9 MEDO DE AVIÃO
Evandro Gomes
- 10 UMA VISITA SUJA
Marcos Morelli
- 11 CIRCUITO MODERNO, QUASE FECHADO.
Carol Koehler
- 12 CORTINA ABERTA
Tarsila de Carvalho Fonseca
- 13 A ÉGUA
Ana Duarte
- 14 DECISÃO
Luciana Cavalcanti
- 15 CORAÇÃO DE CINZEIRO
Guilherme Givisiez
- 16 2 ANIVERSÁRIOS
Sol Santos Antunes Lu
- 18 FINITUDE
Luiz Fernando de Oliveira
- 19 IRMÃOS
Monize Luiz Santos

MICRO EM CONTOS

Microcontos tecem narrativas em poucos parágrafos, a ideia é que neste mínimo seja apresentado um arrebate, sem muito tempo para defesa.

Os dez textos desta edição contam muito em poucas palavras. Entristecem e enfurecem, gritam e calam.

Deixe o seu polegar fluir pela tela – não vai dar nem tempo de se ajeitar no sofá – e aproveite enquanto durar.

Convidamos poetas para enviarem trabalhos e participarem do Prêmio Literário Poesia Agora.



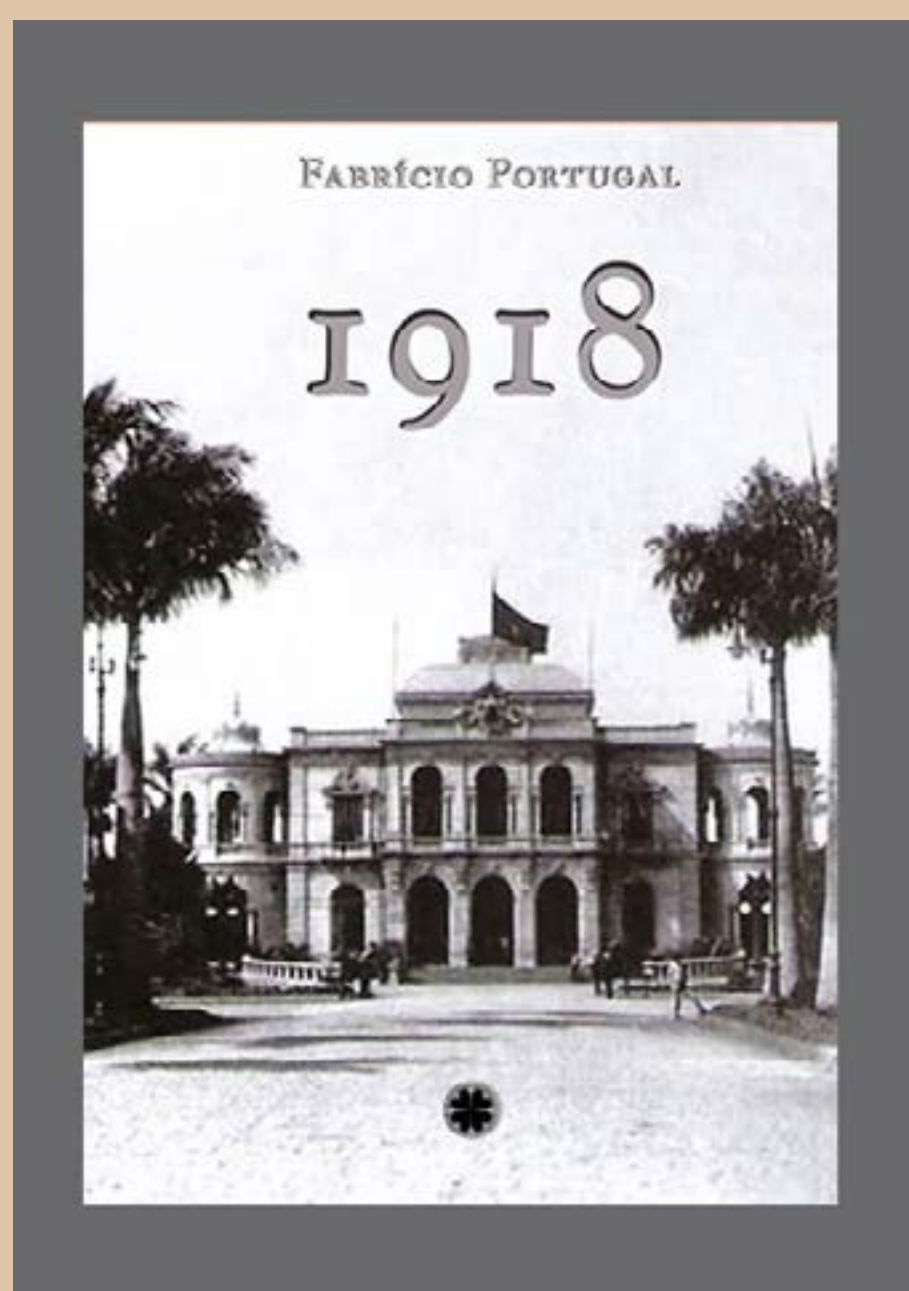
Os 2 melhores classificados ganham lugar de destaque na antologia, uma caneca personalizada e livros da editora.

LEIA O CATÁLOGO

São centenas de livros para desfrutar,
conheça no site
mais leveza no seu dia a dia.



EDITORA
Trevo



1918

No meio da noite, o doutor João Augusto é levado às pressas pela polícia até uma cena aterrorizante. Chegando ao local de um assassinato macabro, o jovem médico se vê preso a uma trama..



MAIS QUE ESPECIAL

A história de Pietro, uma criança incrível e “mais que especial”, que, por apresentar Síndrome de Down, sofre opressão, rejeição e preconceito, inclusive por uma pessoa da própria família. Entretanto, com o apoio e o amor



UM ENTARDECER A PARADOXO

Um entardecer a paradoxo é um romance de formação que traz questões sobre a realidade que nos cerca, sobre os eventos que nos governam e sobre as dúvidas que temos – e achamos ter.

MEDO DE AVIÃO

Um menino olha para o céu claro, enquanto sua mãe para procurando as chaves na bolsa.

– Mãe, é pra lá que nós vamos quando morremos?

– Huh? – Saltou uma ruga desconfiada.

– O céu! A gente vai pra lá? – Esperou passarem as nuvens.

– Ah, sim! Vamos para o céu, com certeza...! Quer dizer, se for bonzinho. – Derrubou o batom na calçada – Puta que pariu!

E como o céu voltou a tingir-se de cores, e as nuvens haviam ido pastar detrás duma montanha, o rapazinho não descansou.

– E onde é que a gente se senta? – Calculou muito sabiamente que não dava para acomodar-se nas nuvens de gás – Não aguentam! – Declarou mais que convicto.

– Hum... – Ela faiscou o isqueiro e acendeu o cigarro, pensando sobre o distante ponto metálico com mais de duzentas toneladas e, talvez, 1.700 sapatos viajando numa velocidade incrível – Num avião! – Disse sem remorsos, aliviada.

UMA VISITA SUJA

“Pega um balde e um espeto”, ordenou o pai. Ele mantinha a tampa do vaso sanitário fechada com o peso do corpo. O barulho na água parecia o de um bicho selvagem.

Um homem adulto sabe sinalizar urgências.

O menino não perguntou nada. Capturou o zeitgeist da cena. No quintal, achou o que procurava na caixa de papelão. Dentro do tanque, pegou o recipiente azul e tirou as cuecas de molho no sabão em pó.

Retornou ao banheiro. Entregou os objetos. Se afastou.

O homem abriu uma fresta e enfiou com precisão o pedaço de ferro, o mesmo onde assava linguças aos domingos, no monstro que se debatia na louça branca. O sangue espirrou.

O berro agonizante ecoou pelos azulejos marrons, igual ao de uma criança sendo rasgada. A ratazana, já atravessada pelo espeto na cabeça, foi jogada no balde.

Coisas estranhas aconteciam naquela casa. Mas até 1999, ninguém falava abertamente sobre isso.

CIRCUITO MODERNO, QUASE FECHADO.

Despertador. Celular, whatsapp, instagram, facebook, tiktok, twitter. Mensagem de bom dia no grupo da família, no grupo do trabalho, no grupo da faculdade, pro crush, pra mãe. Chinelo, chuveiro, escova de dentes com pasta vegana, xampu e condicionador em barra. Pente, água, toalha. Vestido de alcinha, fio-dental, rasteirinha. Rímel e gloss. Carregador, cartão de crédito, cartão do ônibus, bolsa. Ônibus lotado. Metro. Escada rolante. Porta giratória, elevador, cadeira, computador. Água. Telefone. Celular, whatsapp, instagram, facebook, tiktok, twitter. Sanduíche natural, chá verde. Computador, telefone, celular. Água. Elevador, porta giratória, uber. Faculdade. Escadas, cadeira, digitalização de imagens. Escadas, caldinho de feijão, água, gloss, celular, whatsapp, instagram, facebook, tiktok, twitter. Uber. Terreno baldio, chão, bolsa, fio-dental, cinco balas calibre 38.

Tarsila de Carvalho Fonseca

Rio de Janeiro / RJ

CORTINA ABERTA

A janela da vizinha espevitada continuava fechada. Nessa quentura. De repente, ela não voltou do trabalho ainda. Mas por que se importar com isso? Era mais forte do que qualquer outro pensamento... Desde o dia que viu a tal de safadeza com o namorado, Vitória sempre lembrava daquilo. Parecia que a sem vergonha sabia que tinha plateia. Deixou a cortina toda aberta. Toda aberta. Deu para ver coisas que até Deus duvidaria. No culto ficava com aquelas cenas na cabeça. Orou para esquecer o assunto, mas todo dia espiava se a janela estaria escancarada de novo...

A ÉGUA

Sozinha, a égua desfila sem pressa na tarde ocre. Aos laranjas e vermelhos sobrepõem-se os roxos e azuis à medida que escorrega entre as longas pernas o potrinho recém-nascido. O animalzinho jaz embalado na placenta, quase sem respiração. A mãe aguarda que o cavaleiro se ponha sobre as quatro patas. A égua lambe a cria, que se mantém inerte. Sob um céu quase escuro, a mãe inclina-se uma última vez sobre o corpo do potrinho, parecendo despedir-se. A passos pesados, afasta-se da cria relinchando alguma dor. Distancia-se até parecer ter tomado o caminho do esquecimento.

Subitamente, a égua estanca. Torce o pescoço para trás, e como se humana fosse, retorna junto ao cavaleiro na esperança de que lhe tenha sobrevivido a vida. Pressiona o corpo do filho com sua enorme cabeça, procurando lhe alterar o destino. Desconsolada, balança a crina preta para cima e para baixo, como se chorasse, se humana fosse.

DECISÃO

Sendo ela poeta e tendo, a pouco, vivido o desaprendizado do Amor, pensou na possibilidade lúdica e lúcida de reinventar tudo, outra vez.

Viajar, agora, com mapas e bússolas. Em bases seguras, tomar duas mãos para o salto.

Ousar. Na estripulia de um coração que sabe manter-se em estado permanente de Carnaval, viver.

Decidiu não morrer de velha.

CORAÇÃO DE CINZEIRO

O amor é como um cigarro: a paixão o acende, o desejo fortalece a sua brasa e o coração recebe toda a toxina que vicia. Mas, assim como um cigarro, alguns amores também têm validade. Quando a brasa encontra o filtro, o amor se apaga.

Odeio deixar os meus cigarros pela metade, mas não vou perder tempo tentando fumar um que já se apagou. Tornamo-nos intragáveis e, agora, o que me resta é deixá-lo na memória. Num cinzeiro cheio de cigarros pela metade e histórias que eu nunca consegui terminar.

Como um isqueiro com pouco gás, nosso amor nasceu moribundo. Nos apagamos cedo demais.

2 ANIVERSÁRIOS

– Tenho uma irmã que mora longe e faz 2 aniversários por ano

– Como assim 2 aniversários?! Cadê ela?

– Não sei, mainha disse que tá muito longe, eu nem conheço ela ainda

– Também queria ter 2 aniversários

– Não fala isso, quando falei mainha chorou

– Deve ser medo de gastar com tanta festa

– Minha irmã não ganha festa, mainha coloca girassóis na janela da sala e painho compra um bolo com cobertura de mousse de maracujá

– Por quê?

– Porque a cor preferida da minha irmã é a amarela, no quarto dela tudo é assim – Nunca vi esse quarto na sua casa

– Eu só vi uma vez bem rápido, mas não entrei, mainha deixa a porta trancada o tempo todo

– E quantos anos sua irmã tem? Ela completa duas idades em cada ano? – Não sei, nos bolos nunca têm vela

– Por quê?

– Mainha só acende de noite quando eu já fui

dormir, mas eu escuto ela e painho chorando –

Que chato

– Sim

– Quer brincar lá fora?

– Vamos.

Finitude

Em vão os vultos da noite tentavam assombrá-lo: sem fome nem frio, as sensações estavam há muito distantes dele, agora feito Homem-Inercial. As luzes que acendem o dia deixaram de trazer lágrimas àqueles olhos exaustos. Solidão alguma o afligia. Moscas, medo, vermes, répteis, calor, nada o abatia. Tudo era permanente e constante decomposição. ;Recompor-se-ia num porvir incerto? Vai saber... O horizonte enviava-lhe apelos coreográficos de incomum beleza. Os grilos perturbavam-se mutuamente com seus sons de enlouquecer o vácuo, o sol amarelecia a verdura do capim, o esterco emprestava perfume ao ar... ;Nada! Reação alguma despertavam naqueles sentidos para todo o sempre calados. Tudo era paz em João Finaido, ali, envolto em alívio e conforto, até que o esquecimento mesmo o abandonasse, até que, desfeito em nada, pudesse se encontrar com a plenitude de um antes sem dores e sem culpas.

IRMÃOS

Lembrou-se do acidente; a perna faltante ainda latejava. Fez um movimento metálico com a cadeira de rodas e constatou: só poderia fugir até o começo daquela escada. A não ser que ele se precipitasse...

Sentiu um toque macio no ombro: era ela!

Desde que se conhecia por gente, a presença da irmã o deixava alegre. Mas, dessa vez, ele não conseguiu sorrir.

– Achei você! Vamos!

Ela fez um giro rápido com a cadeira e o levou até o estacionamento. Acomodou-o no banco do passageiro e conduziu o carro para fora do hospital.

– Finalmente! – ele respirou. – Mas você tem sua casa, seus filhos... Não sei o que fazer agora.

– Mas eu sei, – ela disse, enquanto parava o carro em frente à antiga mercearia do Seu Marquinho. Desceu e voltou com dois pirulitos.

– É só não contar pra mãe – ela piscou. E foram embora gargalhando com a língua pintada de azul.





FIM DESTA EDIÇÃO



EDITORA
Trevo



PARTICIPE DAS PRÓXIMAS EDIÇÃO

acesse o nosso site e inscreva um conto

